



Como a literatura influencia o jornalismo esportivo? Uma análise das reportagens de David Coimbra no *Jornal da Copa*¹

Vanessa KANNENBERG²

Demétrio de Azeredo SOSTER³

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o trabalho de pesquisa sobre a utilização de recursos literários pelo jornalismo esportivo. Como objeto de análise definimos as reportagens escritas pelo jornalista David Coimbra no “Jornal da Copa”, suplemento encartado no diário Zero Hora, de Porto Alegre, durante a Copa do Mundo de Futebol em 2010. Para entender as complexidades que se originam a partir do encontro dos dois campos, jornalismo e literatura, partimos de um método qualitativo, o levantamento bibliográfico, para, a partir dele, analisarmos como o jornalismo se estabelece a partir da hibridização com a literatura, observando nos exemplos selecionados o que é próprio do primeiro e o que diz respeito ao segundo. Como a pesquisa encontra-se ainda em desenvolvimento, com previsão de conclusão para junho de 2011, os resultados são parciais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo, Jornalismo Diário, Literatura, Gênero Diversional, Futebol.

INTRODUÇÃO

Na década de 1960, primeiro nos Estados Unidos e depois em outros países, surge um movimento chamado de *New Journalism* (Novo Jornalismo) que revoluciona o modo de fazer do jornalismo. Até então, a imprensa era marcada

pela valorização de textos padronizados, sem grandes atrativos; a partir daquele momento, alguns jornalistas começaram a produzir matérias em que descreviam situações, reproduziam diálogos e, até mesmo, revelavam ‘os sonhos e conjecturas de cada pessoa envolvida na narrativa’. (ASSIS, 2010, p.145)

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo do Intercom Junior, durante o XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Aluna líder do grupo e acadêmica de graduação do 9º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Unisc, e-mail: vanessakannenberg@mx2.unisc.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Unisc, e-mail: dsoster@uol.com.br.



No Brasil, é considerado como um marco do início desse movimento o lançamento da revista *Realidade*, publicação mensal da Editora Abril, editada de 1966 a 1976.

As produções do Novo Jornalismo e as suas conseqüentes interferências no fazer jornalístico podem ser classificadas como pertencentes ao gênero jornalístico diversional, descrito por José Marques de Melo, maior pesquisador brasileiro sobre gêneros jornalísticos na atualidade, como uma forma de jornalismo que engloba textos que, "(...) fincados no real, procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens captados pelo repórter" (1985, p.22). Por esta perspectiva, a natureza diversional desse tipo de jornalismo está no resgate "(...) das formas literárias de expressão": uso de recursos como flashbacks, digressões, diálogos, aprofundamentos psicológicos etc. para estabelecer suas narrativas.

Dada a profusão de nomenclaturas que surgiram após a categorização de Marques de Melo, e em consonância com o que sugere o Dicionário de Comunicação (2009), utilizamos, na pesquisa, jornalismo diversional como sinônimo de a) jornalismo literário, b) literatura de realidade (ou não ficcional), c) jornalismo em profundidade, ou, ainda, d) jornalismo de autor.

A questão que intriga os pesquisadores que assinam este artigo é: será que o jornalismo esportivo também é afetado pela utilização de recursos literários? Se sim, desde quando? E de que forma se dá a integração da literatura e do jornalismo esportivo? Quais as complexificações decorrentes dessa união? A fim de encontrar estas respostas, serão utilizadas técnicas de pesquisa em jornalismo, como pesquisa bibliográfica, entrevista em profundidade, estudo de caso e análise de conteúdo.

Este artigo, fruto de pesquisa ainda em andamento, vai detalhar a história do jornalismo esportivo no Brasil de acordo com uma criteriosa pesquisa bibliográfica, o corpus de análise e os próximos passos a serem percorridos em buscas das respostas.

História do jornalismo esportivo no Brasil

O jornalismo esportivo brasileiro é alvo de contradições e polêmicas desde a definição do seu início. Para Bahia (1990), ele teria iniciado oficialmente em 1856, com



a criação de *O Atleta*, periódico impresso que apresentava ensinamentos para o aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro, seguido por *Sport e Sportman* (1886), que levantava conceitos científicos sobre o físico e a mente. Já para o jornalista Paulo Vinícius Coelho (2003), o esporte aparece na mídia somente no século XX, em São Paulo, por meio de páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulha* (1910), publicação dirigida para os imigrantes italianos que moravam na capital paulista. Neste periódico, por exemplo, que foi anunciada a criação do clube Palestra Itália (atual Palmeiras). “O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte (o futebol) ainda não cativava multidões” (COELHO, 2003, p. 8)

No entanto, nos primeiros anos, os jornais dedicavam pouco espaço para o esporte. O *Correio Paulistano*, por exemplo, dedicava apenas uma coluna para as matérias que incluíam futebol e duas colunas para o turfe⁴. Até mesmo o remo⁵, esporte mais popular da época, não conquistava destaque. Segundo Coelho, isso acontecia não por falta de interesse, mas por questões de espaço. No entanto, para Ouhydes Fonseca, citado por Michelli Cristina de Andrade Gonçalves (2005), o fato do esporte ainda ocupar pouco as páginas dos periódicos se deve à falta de interesse por parte do público leitor.

Somente na década de 1920 os grandes jornais começam a liberar as primeiras fotos de lances do futebol com quatro ou cinco colunas. Mais do que em qualquer outro lugar do país, os jornais do Rio de Janeiro dedicam cada vez mais espaço ao esporte. A conquista do Vasco, que permitiu negros em seu quadro, da Segunda Divisão em 1923 e do Campeonato Carioca em 1924 era “a popularização que faltava” ao futebol (COELHO, 2004). Em 1928 o jornal *A Gazeta* passou a publicar o primeiro suplemento de esportes em jornal de grande circulação em São Paulo (SOUZA, 2005).

A profissionalização do futebol no início dos anos de 1930 e as transmissões dos jogos pelo rádio – a primeira narração detalhada de um jogo de futebol aconteceu no dia 19 de julho de 1931 (PROVENZANO, 2010) - fizeram com que a editoria de esportes

⁴ Turfe é o nome do esporte britânico que promove e incentiva corridas de cavalos. É um dos esportes mais tradicionais do mundo. Envolve a criação e treinamento do cavalo, competição e apostas.

⁵ O remo é um desporto aquático organizado a partir de meados do século XIX. A maioria dos clubes futebolísticos tradicionais do Rio de Janeiro nasceu das regatas. Três dos quatro grandes clubes cariocas levam a palavra no nome: Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama, Botafogo de Futebol e Regatas. (COELHO, 2004, p.11)



ganhasse cada vez mais importância. Antes disso, apesar de em alguns jornais as reportagens sobre jogos já ocuparem uma página inteira, não havia manchete sobre eventos esportivos na primeira página (Levine apud Marques, 2003, p. 81).

Os irmãos Mário Filho, jornalista que dá nome ao estádio do Maracanã, e Nelson Rodrigues, dramaturgo e também jornalista, grandes responsáveis pela proliferação e valorização da imprensa esportiva no Brasil. Depois de organizar um caderno totalmente dedicado aos esportes nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, ambos de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues, ele fundou o *Mundo Esportivo* e, posteriormente, o *Jornal dos Sports* (1931), primeiro periódico dedicado exclusivamente ao futebol no Brasil. A partir daí, dezenas de jornais e revistas surgem e desaparecem com o passar dos anos.

Nos anos de 1950, as publicações especializadas traziam textos mais alegóricos que descritivos, valorizando as histórias de vida dos jogadores que se tornavam ídolos nacionais (Toledo, 2000, p. 19). No entanto, uma das premissas básicas do jornalismo, muitas vezes, ficava de fora: a veracidade. As crônicas esportivas, nas quais o futebol é narrado com dramaticidade, tinham a finalidade de motivar e encantar o torcedor/leitor. Eram histórias bem contadas

com uma boa pitada de romance. Coisas assim fizeram de Pelé mais do que o maior jogador de futebol de todos os tempos. Transformaram-no em mito. Ora, a verdade. Entre a lenda e a verdade, a literatura vai preferir a lenda. O jornalismo deve preferir a verdade. O que pode indicar que a crônica (...) não era, exatamente, jornalismo (COELHO, 2004, p.18).

Alguns fatos ocorrem na segunda metade do século XX que reconfiguram a posição do jornalismo esportivo nos veículos de comunicação impressos, tais como a ditadura militar e a mediação do rádio, num primeiro momento, e da televisão, mais tarde, das competições, jogos e eventos esportivos. Os jornais de prestígio, por exemplo, aumentam o espaço dedicado à cobertura esportiva. Como consequência disso, a

divisão do trabalho, dentro de um grande jornal, também se tornou mais nítida. As “seções” passam a ser chamadas de “editorias”. O termo “cronista” como forma de designar todos os jornalistas da categoria cede espaço a termos mais específicos. A editoria de esportes de um grande jornal chega a contar com 20 profissionais, entre repórteres, redatores, assistentes de edição e o editor. (STYCER, 2007, p.6)

Nos anos em que a imprensa brasileira esteve sob forte censura militar, na década de 1970, o jornalismo esportivo se desenvolveu de forma rápida, com o



crescimento da cobertura em jornais, revistas, rádios e televisão. O grande marco foi a Copa do Mundo de 1970, isso porque

em plena ditadura militar, e com o apelo da conquista do tri-campeonato pela seleção brasileira, os jornais aumentaram o espaço dedicado ao noticiário esportivo. Passou a ser comum edições em que as notícias esportivas eram tratadas com mais destaque que aquelas de outras editorias, principalmente as mais passíveis de censura – economia, política e cotidiano. (SOUZA, 2005, p. 6)

A força do esporte no rádio e na televisão nos anos 70 fez com que os meios de comunicação impressos tivessem que deixar de lado o mero registro dos jogos, “como se fossem atas de resultados”, para especializar suas equipes de cobertura e dar mais informações do que o básico. Além disso, “a linguagem esportiva dos jornais, com pretensões explicitamente literárias no início, também precisou ser modificada”. A imprecisão diminui bastante nas páginas dos jornais, indo ao encontro do que toda a imprensa brasileira vivia. Os jornais mais importantes os valores objetividade, imparcialidade e o comprometimento com a realidade.

O maior desenvolvimento do jornalismo esportivo acontece, ainda na década de 1970, na medida em que a empresa jornal percebe o potencial mercadológico que o esporte, de forma geral, e o futebol, em particular, passam a oferecer com a popularização e o maior alcance das transmissões televisivas. (MARQUES, 2003, p.9)

A partir da década de 1980, a imprensa esportiva já representa um rentável negócio e fonte de lucros para grandes empresas. É nesse momento que as editorias de esporte se especializam dentro da especialização a fim de dar conta de todo o universo do esporte com propriedade.

Além disso, por força de investimentos maciços no meio editorial, patrocínios crescentes, melhoria nas tecnologias de transmissão de dados e desenvolvimento das empresas de mídia impressa enquanto grandes conglomerados de comunicação, a editoria de esportes passa a funcionar “como um jornal autônomo dentro do jornal, tal é o nível de especificidade e detalhamento que cerca o universo esportivo” (MARQUES, 2003, p10).

Em 1997 surge o diário *Lance!*, o primeiro grande jornal diário lançado no país em quase 20 anos, desde a tentativa, mal sucedida, do *Jornal da República*, diário paulistano criado por Mino Carta em agosto de 1979, e fechado em janeiro de 1980.



Outro fenômeno que ocorre paralelamente ao desenvolvimento do fazer jornalístico diário da editoria de esportes, é a importância da cobertura de grandes eventos esportivos. Durante a Copa do Mundo de futebol, evento de maior audiência no Brasil, os jornais investem pesado enviando jornalistas, comentaristas e escritores para os países sede, além de criarem cadernos específicos para o assunto – como *Jornal da Copa*, de Zero Hora – o que só acontece porque têm um público interessado e publicidade que os sustentam.

Atualmente, percebemos que os textos opinativos, em sua grande maioria, crônicas e colunas, são publicados com distinção gráfica e espacial, como forma de caracterizá-los e destacá-los dos noticiosos, e, geralmente, são escritos por profissionais, jornalistas ou não, que não trabalham como repórteres. Essa é uma característica da profissionalização do jornalismo esportivo e que é conquistada juntamente com o prestígio e uma formação de leitores assíduos. Além disso, a importância que o esporte tem no veículo jornal, com editoria própria em praticamente todos os jornais e, nela, um número relevante de espaço, normalmente proporcional às demais editorias.

As reportagens de David Coimbra no Jornal da Copa

A fim de entender, no cenário atual do jornalismo esportivo brasileiro, como acontece a sua complexificação a partir da utilização de recursos literários no jornalismo diário, tivemos que delimitar um corpus de análise, pois, em se tratando de um trabalho de conclusão de curso, é impossível dar conta de todo o universo. Desta forma, selecionamos as reportagens do jornalista David Coimbra⁶ escritas no *Jornal da Copa África 2010*, encarte do jornal *Zero Hora*⁷, de Porto Alegre.

O Jornal da Copa apresentou-se como um suplemento, com variação do número de páginas de oito a 20, encartado diariamente na Zero Hora do dia 11 de junho a 11 de

⁶ **David Coimbra** é formado em Jornalismo pela PUC-RS (1984). Trabalhou em mais de dez redações no Sul do Brasil e, atualmente, é editor executivo de esportes e colunista do jornal *Zero Hora*, além de comentarista da TVCOM e integrante do programa Pretinho Básico, da Rádio Atlântida. Ele ainda é autor de 14 livros, grande parte dedicada ao futebol.

⁷ **Zero Hora** é um jornal que foi lançado no dia 4 de maio de 1964 em Porto Alegre, remanescente do antigo jornal Última Hora. Em 1970, foi incorporado ao Grupo RBS. A Zero Hora, hoje, é o jornal de maior circulação no Rio Grande do Sul e o sétimo em termos de Brasil, com uma média de 183 mil exemplares diários, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) de 2010.



julho de 2010 com informações, fotos, tabelas e reportagens referentes à Copa do Mundo FIFA da África do Sul⁸.

A seção assinada por David Coimbra, que é objeto de estudo desse artigo, foi publicada diariamente na segunda página do encarte. No local, ao lado do nome do jornalista, aparece uma caricatura dele, fato que enaltece a figura do jornalista, já bastante conhecido do público leitor.

Coimbra, que faz parte de uma equipe de 22 jornalistas do Grupo RBS, utiliza o espaço para apresentar uma reportagem sobre uma para um dos jogos de maior relevância que tenham acontecido no dia anterior, como por exemplo a matéria do dia 16 de junho, intitulada “O medo e a ousadia”, sobre o primeiro jogo da Seleção Brasileira, ou sobre questões pontuais e curiosas que tenha levantado durante a competição, como a reportagem “Loiras presas”, em que Coimbra escreve sobre as mulheres holandesas que foram para a cadeia, veiculada no dia 17 de junho. Em algumas edições, no entanto, David Coimbra optou por escrever crônicas, com informações sobre acontecimentos da Copa do Mundo, mas escritas com um tom diferente e carregadas de opinião, ao estilo do que faz todas as quartas-feiras durante o ano todo para a Zero Hora.

Metodologia de pesquisa

A fim de entender as complexificações que emergem da utilização de recursos literários pelo jornalismo esportivo nas reportagens de David Coimbra para o Jornal da Copa, serão adotadas, como metodologia de pesquisa, quatro técnicas: pesquisa bibliográfica, entrevista em profundidade, estudo de caso e análise de conteúdo.

Num primeiro momento, será feita uma revisão bibliográfica a cerca da história do jornalismo esportivo para entendermos como e quando ele surge, e em que situação se encontra, a fim de situar a pesquisa no tempo. Junto do levantamento histórico, vamos procurar saber o que tem sido estudado a respeito de jornalismo esportivo, ou seja, fazer um levantamento bibliográfico sobre o tema.

⁸ A 11ª Copa do Mundo FIFA ocorreu de 11 de junho a 11 de julho na África do Sul. Das 32 seleções nacionais qualificadas para participar desta edição do campeonato, a Seleção da Espanha sagrou-se campeã. A Seleção Brasileira foi desclassificada na fase das quartas de final.



Após esta etapa, partiremos para a entrevista em profundidade, entendendo esta como “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 62). Optamos por esta técnica metodológica por acreditar que seu uso permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos, como, por exemplo, de que forma as reportagens foram escritas, qual as preocupações do jornalista com o texto e a linguagem, qual a sua formação literária, e, dessa forma, estender os conhecimentos sobre a situação analisada para além do que está posto.

Dentre os tipos de entrevistas em profundidade - aberta, fechada e semiaberta - foi escolhida a última delas, pois este modelo permite, segundo Duarte (2006, p. 66), partindo de um roteiro de controle, com questões amplas, uma maior flexibilidade das perguntas, possibilitando percorrer os caminhos de acordo com as respostas.

Findada a parte das entrevistas, realizaremos o estudo de caso, de natureza qualitativa, que representa um levantamento detalhado e profundo de um ou poucos objetos, tratando das etapas de planejamento, análise e exposição das ideias, de maneira que permita o seu amplo conhecimento. Como nesta pesquisa vamos analisar um pequeno universo de reportagens dentro jornalismo esportivo, acreditamos que este é um método pertinente a ser utilizado.

Por fim, utilizaremos a análise de conteúdo para dar conta da pesquisa proposta. Através desta técnica, queremos desvendar os “significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados” (HERSCOVITZ, 2007, p. 127).



Conclusões parciais

Concluída apenas a primeira etapa da pesquisa apresentada neste artigo para o Intercom Júnior, a pesquisa bibliográfica a cerca da história do jornalismo esportivo brasileiro, não temos condições de mostrar conclusões definitivas.

No entanto, o que percebemos até o momento é que esta é uma proposta de pesquisa original, já que o levantamento bibliográfico não apontou estudos sobre jornalismo esportivo e literatura a partir do jornalismo diário. Também podemos dizer que o estudo sobre comunicação e esporte ainda é bastante iniciante, principalmente em termos de livro. Além disso, o material que vem sendo analisado tem como principal objeto de estudo a crônica esportiva, ou seja, textos de opinião. O que torna ainda mais relevante a pesquisa sobre a reportagem, gênero fincado no factual e na informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006.
- CARVALHO, Eduardo de. *O discurso esportivo*. IN: BOAS, Sergio Vilas (org.), *Formação & informação esportiva*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.
- COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, Lailton Alves da. *Gêneros Jornalísticos*. In: MELO, M.; ASSIS, F. (org.) *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 331p.
- HERSCOVITZ, Heloiza G. *Análise de conteúdo em jornalismo*. In: *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. 2a. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- STYCER, Maurício José. *A história do Lance! - Projeto e prática do jornalismo esportivo*. São Paulo: Alameda, 2009. 323p.